

A estrutura de evento de formações derivadas com *-e(ar)* e *-ej(ar)*

(The event structure of derivative formations with *-e(ar)* and *-ej(ar)*)

Solange Mendes Oliveira¹

¹Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)

solange.oliveira1@utp.br

Abstract: The present work presents propositions for syntactic decomposition of event structure of derivative formations with *-e(ar)* and *-ej(ar)*. It also describes eventualities which the formations denote in order to demonstrate that in the accomplishment of derivative words, there are morphosyntactic criteria imposed by roots on the affixes, as well as there are semantic-aspectual criteria imposed by affixes on the roots. We aim at demonstrating that the meaning of derivative formations is constructed in a composing way in the syntax, through interaction between semantic-aspectual traces of affixes and semantic characteristics of roots. The analysis of derivative formations shows that the adjunction of affixes to the roots is only possible if there is compatibility between their characteristics.

Keywords: suffixes *-e(ar)* and *-ej(ar)*; morphosyntactic restrictions; semantic-aspectual restrictions; Distributed Morphology.

Resumo: Apresentam-se aqui propostas para a decomposição sintática da estrutura de evento de formações derivadas com *-e(ar)* e *-ej(ar)* e descrevem-se as eventualidades que essas formações denotam com o objetivo de demonstrar que na realização das formações derivadas há critérios de cunho morfossintático impostos pelas raízes aos afixos, assim como há critérios de cunho semântico-aspectual impostos pelos afixos às raízes. Procura-se demonstrar que o significado das formações derivadas é construído composicionalmente na sintaxe, por meio da interação entre os traços semântico-aspectuais dos afixos e as propriedades semânticas das raízes. A análise das formações derivadas evidencia que a adjunção dos afixos às raízes só é possível se houver compatibilidade entre as propriedades das raízes e dos afixos.

Palavras-chave: sufixos *-e(ar)* e *-ej(ar)*; restrições morfossintáticas; restrições semântico-aspectuais; Morfologia Distribuída.

Introdução

Neste trabalho, apresentam-se propostas para a decomposição sintática da estrutura de evento de formações derivadas com os sufixos *-e(ar)* e *-ej(ar)* e descrevem-se as eventualidades que essas derivações denotam, com base nos trabalhos de Marantz (2005; 2006; 2007a, 2007b) e nos estudos desenvolvidos por Oliveira (2009a, 2009b, 2007a, 2007b, 2007c) sobre a derivação, dentro do arcabouço teórico da Morfologia Distribuída. Explora-se a hipótese de que uma formação derivada só se realiza se houver compatibilidade entre os traços da raiz e do afixo. Os dados que constituem o *corpus* foram coletados no *Dicionário Aurélio Eletrônico* (2004) e no *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa* (2009), e, para esclarecer o procedimento metodológico, as palavras são analisadas sob o ponto de vista sincrônico.

O trabalho está organizado da seguinte forma: inicia-se com uma breve exposição das propostas de representação sintática da estrutura de evento apresentadas por Marantz; em seguida, relacionam-se as formações derivadas com *-e(ar)* e *-ej(ar)* e apresentam-se

as propostas para a decomposição sintática da estrutura de evento dessas formações, cuja configuração procura conciliar a estrutura formal das derivações, a semântica das raízes, os traços aspectuais dos afixos e as eventualidades que as formações derivadas denotam; em seguida, descrevem-se as eventualidades manifestadas pelas derivações.

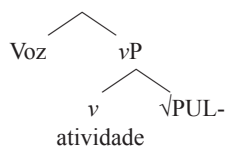
A representação sintática da estrutura de evento

As propostas de Marantz (2005, 2006, 2007b) para a decomposição sintática da estrutura de evento (numa releitura de Hale e Keyser, 2002) tratam a relação entre a semântica dos verbos, seus argumentos e a projeção desses argumentos na sintaxe, procurando levar em conta como os argumentos interagem com os eventos e como contribuem na constituição desses eventos. Para o autor, o núcleo funcional verbalizador *v* introduz uma *eventualidade* – termo que se refere tanto a um evento como a um estado – e um núcleo de Voz acima do *vP* relaciona o argumento externo ao evento.

As raízes denotam eventualidades de estado, atividade, movimento, tema incremental, criação, alternância causativo-incoativa, *accomplishment*, e podem concatenar-se diretamente com seus argumentos ou não. Nos eventos de atividade, introduzidos pelo núcleo *v*, a raiz pode concatenar-se com o *v* e ser interpretada com o traço ‘modificador de evento’ ou pode atuar como núcleo do complemento de *v* e ser interpretada como um estado ou evento, como parte de uma *small clause*. A raiz pode ainda atuar com o traço ‘modificador de evento’ do subevento mais encaixado no *vP* (MARANTZ, 2005, p. 4). O núcleo *v* pode denotar uma só eventualidade (eventualidade monoeventiva) ou pode fazer referência a duas eventualidades (eventualidade bieventiva).

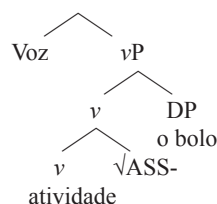
A representação de eventualidade monoeventiva está ilustrada em (01), abaixo, na qual a raiz é interpretada com o traço ‘modificador de evento’, especificando o tipo de atividade denotada pelo verbo como um só evento. Um núcleo de Voz, colocado acima do *vP*, relaciona o evento ao argumento externo:

(01) *João pula.*



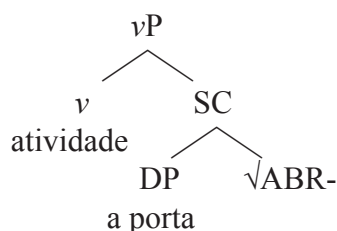
O diagrama em (02), abaixo, ilustra uma das representações de eventualidade bieventiva propostas pelo autor para verbos de criação e de tema incremental. Nessa estrutura, a raiz do verbo de criação *assar*, que tem objeto direto, concatena-se diretamente com o *v* (1º subevento) causando outro evento de mudança de estado (2º subevento): o DP *o bolo* é levado a uma mudança de estado e tem como significado um “estado resultante”. A raiz é modificadora de *v* e dá a noção de “maneira” para o evento. O objeto direto é interpretado como uma mudança de estado porque surge do 2º subevento e tem uma interpretação causativa. Nesse caso, há então duas eventualidades e a relação entre os eventos é a de causa (MARANTZ, 2006, p. 2):

(02) *Assar o bolo.*



Outra estrutura que denota duas eventualidades, uma dinâmica e uma estativa, segundo Marantz (2006), ocorre quando as raízes servem como núcleo de um evento causado, mais encaixado e, neste caso, são interpretadas como estado ou causa, como parte de uma *small clause* – a interpretação de mudança de estado seria acionada pela posição sintática da *small clause* como um complemento de *v*. Nessas representações, os verbos são de alternância causativo-incoativa e apresentam, portanto, uma versão transitiva e uma intransitiva, como *abrir*, *clarear*, *congelar* etc., dependendo de se o evento causado for uma atividade agentiva ou não. A representação em (03), abaixo, proposta por Marantz (2006, exemplo (5c), p. 3), ilustra que o evento é interpretado como causado por uma atividade introduzida por *v* e o outro evento é a mudança de estado denotada pelo DP:

(03) *Abrir a porta.*



Na representação acima, a raiz modifica o evento mais baixo denotado pelo DP complemento do verbo (o DP *a porta* passa de “não aberta” a “aberta”).

A seção a seguir trata das formações derivadas com *-e(ar)* e *-ej(ar)* e suas estruturas de evento.

A representação sintática da estrutura de evento de formações derivadas com *-e(ar)* e *-ej(ar)*

Nesta seção, apresentam-se as propostas para a representação da decomposição sintática da estrutura de evento das derivações com *-e(ar)* e *-ej(ar)*, cuja configuração procura conciliar a estrutura formal das derivações, a semântica das raízes, os traços aspectuais dos afixos e as eventualidades que as formações derivadas denotam, com base nas propostas expostas na seção anterior. Explora-se a hipótese de que nas formações derivadas há critérios de cunho morfossintático impostos pelas raízes aos afixos, assim como há critérios de cunho semântico-aspectual impostos pelos afixos às raízes, isto é, a adjunção de um afixo a uma raiz só é possível se houver compatibilidade entre as propriedades da raiz e do afixo. Procura-se demonstrar que o significado das palavras derivadas é construído composicionalmente na sintaxe, por meio da interação entre os traços semântico-aspectuais dos afixos e as propriedades semânticas das raízes.

Observemos primeiramente as derivações com o sufixo *-e(ar)*.

Formações derivadas com *-e(ar)*

Proveniente do sufixo latino *-idiare*, forma modificada do grego *-ízein*, o sufixo *-e(ar)*, forma apocopada de *-ej(ar)*, forma verbos a partir de nomes ou adjetivos. Examinemos primeiramente as formações derivadas a partir de um nome.

Formações derivadas que têm internamente um nome

abrasear, afoguesear, alardear, apear, arear, arquear, atear, balancear, balear, bambolear, bandear, banquetear, basear, bloquear, bombardear, boquear, borboletear, bronzear, cabecear, cambalear, campear, cartear, chicotear, custear, enlamear, enredar, ensombrear, enxamear, escoicear, esfaquear, esfolhear, espernear, esporear, falsetear, fanfarrear, ferretear, folhear, florear, gaitear, gargantear, gazetear, golpear, gorjear, grampear, granjear, guerrear, harpear, hastear, lamear, lisonjear, macaquear, manusear, mapear, marear, mastrear, matear, matraquear, nortear, ondear, palanquear, palavrear, palestrar, palmear, passear, pastorear, patentear, pentear, pleitear, pontear, prantear, pratear, presentear, purpurear, rastear, rastrear, relancear, recensear, rodear, saborear, saltear, sanear, sapatear, saquear, senhorear, serpentear, sombrear, sortear, tornear, tourear, trombetear, vadear, vaguear, veranear, voltear, vozear etc.

Observa-se que as formações acima denotam situações dinâmicas frequentativas/durativas com [causação externa], que exigem, portanto, um agente, atribuídas pelo morfema aspectual *-e(ar)*, como *bombardear, cabecear, cambalear, golpear, saquear, tourear* etc. O traço aspectual frequentativo refere-se a uma dada situação que dura por um certo período de tempo, ou, pelo menos, é concebida para durar um certo período de tempo (COMRIE, 1976); isto é, esse traço caracteriza-se por apresentar a situação como tendo duração contínua limitada (TRAVAGLIA, 1994). Algumas formações derivadas arroladas acima denotam também a ideia de “movimento para dentro”, atribuída pelo morfema prefixal *en-*, como *enlamear, enredar, ensombrear* e *enxamear*; outras, remetem à ideia de “transformação” ou “mudança de estado”, atribuída pelo morfema prefixal *a-* (CUNHA, 1986; FERREIRA, 2004), como *abrasear, afoguesear, apear* e *atear*, ou, ainda, à ideia de “movimento para fora/separação”, “transformação” ou de “passagem para um novo estado” (CUNHA, 1986; FERREIRA, 2004), como *escoicear, esfaquear, esfolhear* e *espernear*, atribuída pelo morfema prefixal *es-*, que denota [causação externa].

Para formar os verbos derivados, o morfema verbalizador *-e(ar)* adjunge-se a substantivos primitivos, como *golpe, grampo, lama, serpente, verão* etc., e as derivações formam, em sua maioria, verbos transitivos diretos, como *golpear, bombardear, bloquear, grampear, custear* etc., e também verbos intransitivos, como *passear, borboletear, gargantear, vaguear* etc., que denotam situações dinâmicas controladas por agentes e, portanto, com o traço [causação externa]. Há ainda formações derivadas formadas por parassíntese que igualmente denotam [causação externa], como *abrasear, afoguesear, apear, enlamear, enredar, ensombrear, escoicear, esfaquear, esfolhear* e *espernear*.

Os nomes internos às derivações são substantivos concretos e podem ser agrupados em cinco subclasses: (i) elementos da natureza: *areia, borboleta, campo, fogo, flor, folha, mar, mato, serpente, sombra, touro, verão* etc.; (ii) elementos/partes do corpo:

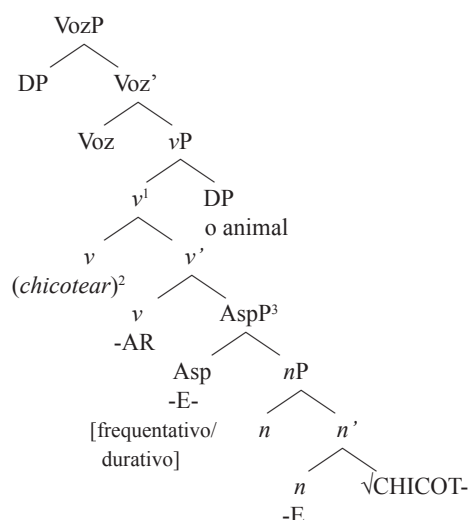
boca, cabeça, palma, pé, perna, mão, voz etc.; (iii) instrumentos: *chicote, faca, ferrete, espora, gaita, grampo, harpa, pente, arco, bambolê* e *sapato*; (iv) objetos: *rede, mapa, mastro, ponte, carta, bala* etc.; e (v) agrupamento/conjunto: *bando, banquete, guerra, bombardeio*. A semântica dos nomes que se concatenam com o morfema frequentativo/durativo *-e(ar)* deve ser compatível com a idéia de “ação ou situação que dura um certo período de tempo”, atribuída pelo afixo, resultando em formações derivadas que denotam eventualidades de (modos de) atividade, como *chicotear, bambolear, cabecear, golpear, esfaquear, tourear* etc., ou, ainda, resultando em derivações que denotam eventualidades de mudança de estado, como *bronzear, cambalear, enlamear, esfolhear, sanear* etc.

As derivações apresentam dois diferentes moldes morfossintáticos: (i) [raiz + morfema nominalizador *-a/-e/-o*/morfema zero + morfema sufixal *-e-* + morfema verbal *-ar*], como *baleiar, cabecear, chicotear, aprear* etc.; (ii) [morfema prefixal *a-/en-/es-* + raiz + morfema nominalizador *-a/-e/-o*/morfema zero + morfema sufixal *-e-* + morfema verbal *-ar*], como *abrasear, afoguesar, enlamear, enredar, escoicear, esfaquear* etc.

Nas formações descritas em (ii), que representam a minoria e que constituem os verbos denominados *parassintéticos*, os morfemas prefixal e sufixal são concatenados à raiz e traduzem um só significado, consistindo, segundo Spencer (1991, p. 13), em um *afixo descontínuo: a/en/es...e(ar)*.

O diagrama em (04), abaixo, ilustra a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento dos verbos derivados transitivos, como *baleiar, chicotear, golpear, nortear* etc., que têm o molde morfossintático descrito em (i) e têm argumento interno (“*chicotear, baleiar, golpear* o animal”; “*nortear* o comportamento”):

(04) *chicotear*



A representação em (04) mostra que no interior da formação *chicotear* há dois domínios cíclicos. No domínio interno (*n*), ocorre a primeira categorização: a raiz *chicot-* concatena-se com o morfema nominalizador *-e* produzindo a forma nominal *chicote* e,

1 Representa o *v* de evento.

2 As formações derivadas foram inseridas na árvore apenas como um artifício expositivo.

3 O núcleo funcional Asp é aqui responsável pela inserção dos afixos em geral e refere-se aos traços abstratos morfossintáticos, semânticos e/ou aspectuais dos afixos, e não somente aos traços aspectuais.

neste ponto, o significado é dado por convenção. Aqui se fecha o primeiro domínio cíclico. Na camada seguinte (domínio externo), aplica-se a recategorização (*v*): a forma *chicote* concatena-se com o morfema frequentativo/durativo *-e-* e com o morfema verbal *-ar*, já que há compatibilidade entre os traços semântico-aspectuais da raiz e do afixo, formando o verbo derivado *chicotear*, que incorpora em seu significado a propriedade do nome interno à formação. Neste ponto, o significado é calculado composicionalmente. Aqui se fecha o segundo domínio cíclico.

O verbo *chicotear*, que tem objeto direto, concatena-se diretamente com o *v* (1º subevento) causando outro evento de mudança de estado (2º subevento): o DP *o animal* é levado a uma mudança de estado e tem como significado um “estado resultante”. A raiz é modificadora de *v* e dá a noção de “maneira” para o evento. O objeto direto é interpretado como uma mudança de estado porque surge do 2º subevento e tem uma interpretação causativa. Neste caso, há então duas eventualidades e a relação entre os eventos é a de causa. O núcleo de Voz, adjungido acima do *vP*, relaciona o evento ao argumento externo.

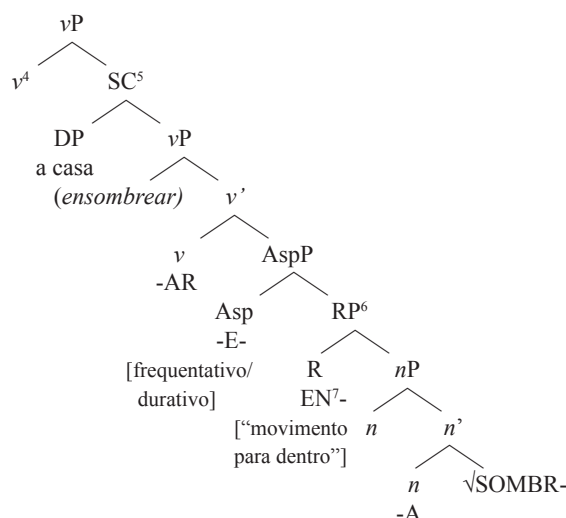
As alterações que ocorrem no contexto morfossintático das derivações são determinadas pelas Regras de Reajustamento Fonológico (HALE; MARANTZ, 1993), as quais se aplicam aos morfemas depois da operação de inserção vocabular. Essas regras determinam a fusão da vogal média *-e*, que integra a raiz, com a vogal média *-e* do morfema sufixal (crase), como em *chicote/chicotear*, *golpe/golpear* etc.; e também a queda das vogais temáticas *-a* e *-o*, que integram a raiz, frente a vogal *-e* do morfema sufixal (elisão), como em *bala/balejar*, *campo/campejar* etc. Em *boca/boquear*, *macaco/macaquear* etc., ocorre o processo fonológico de elisão e uma adequação das formas às normas ortográficas.

Algumas formações arroladas no item “Formações derivadas que têm internamente um nome”, como *sombrear/ensombrear*, *florear*, *purpurear* etc., admitem uma interpretação causativo-incoativa e apresentam, portanto, uma versão intransitiva e uma transitiva, dependendo de se o evento admitir um causador ou não, como se pode observar em (05):

- (05)
- a. A árvore *ensombreava/sombreava* a casa.
 - b. A casa *ensombreou/sombreou(se)*.
 - c. A primavera *floreia* os jardins.
 - d. Os jardins *floreiam* na primavera.
 - e. O sol poente *purpureava* a tarde.
 - f. Subitamente, seu rosto *purpureou(se)*.

Para esses verbos derivados, que admitem a alternância causativo-incoativa e apresentam a configuração morfossintática descrita em (i), (*sombrear*, *florear*, *purpurear*) e em (ii) (*ensombrear*), propõe-se o diagrama em (06), que representa a interpretação intransitiva/incoativa das derivações em (05): “A casa *ensombreou/sombreou(-se)*”, “Os jardins *floreiam* na primavera” e “Subitamente, seu rosto *purpureou(se)*, que têm os sujeitos afetados pelo processo verbal:

(06) ensombrear



A representação em (06) mostra que *ensombrear* tem duas fases (*n* e *v*) e denota duas eventualidades, uma de processo e uma estativa. No domínio interno (*n*), ocorre a primeira categorização: a raiz *sombr-* concatena-se com o morfema nominalizador *-a* produzindo a forma nominal *sombra* e, neste ponto, o significado é dado por convenção. Aqui se fecha o primeiro domínio cíclico. Na camada seguinte (domínio externo), aplica-se a recategorização (*v*): a forma *sombra* concatena-se com o morfema prefixal *en-*, introduzido pelo morfema relacionador R (LEMLE, 2008), com o morfema frequentativo/durativo *-e-* e com o morfema verbal *-ar*, formando o verbo derivado *ensombrear*, que incorpora em seu significado a propriedade do nome interno à formação. Quanto à estrutura de evento denotada pela formação derivada, vemos que a representação acima ilustra que *ensombrear* é o núcleo de um evento causado e atua como modificador da eventualidade denotada pelo DP *a casa*. O evento é interpretado como causado por um processo introduzido por *v* e o outro evento é a mudança de estado denotada pelo DP *a casa* (codificada na *small clause*), que passa de “não ensombreada” para o de “ensombreada”. O verbo *ensombrear* denota o evento de o DP *a casa* adquirir a propriedade expressa pelo nome *sombra* interno ao verbo.

Em (07), abaixo, está a representação da estrutura de evento da formação *florear* em sua interpretação transitiva/causativa (“A primavera *floreia* os jardins”), que representa também a versão causativa de *sombrear* (“A árvore *sombreou* a casa”) e de *purpurear* (“O sol poente *purpureava* a tarde”), exemplificadas em (05):

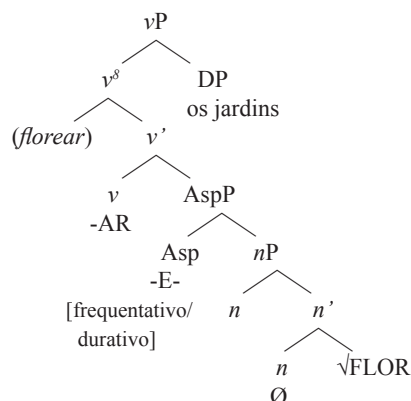
4 Representa o *v* de evento.

5 Essa estrutura com SC é proposta aqui com base em Marantz (2005a, 2005b, 2006, 2007b); a raiz é núcleo de um complemento de *v*, isto é, é núcleo de um evento causado. A interpretação de mudança de estado é acionada pela posição sintática da *small clause* como um complemento de *v*.

6 Pelo fato de estabelecerem relações, os prefixos originários de preposições serão aqui introduzidos por um morfema relacionador (LEMLE, 2008).

7 Na representação estrutural das formações parassintéticas, a concatenação de prefixos e sufixos à forma--base será representada como descontínua, e não simultânea (SPENCER, 1991).

(07) *florear*



A estrutura bieventiva em (07) mostra que o evento de “florear” causa uma mudança de estado no DP *os jardins*, que passam do estado de “não floreados” para o de “floreados”. A interpretação causativa de *florear* é atribuída pelo *v* eventivo.

A seguir, é detalhado o segundo grupo de raízes que se combinam com *-e(ar)* para formar uma derivação:

Formações derivadas com adjetivos que denotam propriedades ou atributos

afear, aformosear, alhear, baratear, branquear, chatear, clarear, enfear, esverdear, falsear, galantear, maluquear, mimosear, pedantear, marotear, galhardear, malandrear, rarear, tontear, verdear etc.

As formações relacionadas acima têm internamente adjetivos predicativos (*branco, claro, verde*) ou atributivos (*alheio, barato, chato, falso, franco, galante, maluco, mimoso, pedante, maroto, raro, tonto*) que, ao se concatenarem com o morfema *-e(ar)*, produzem formações derivadas que denotam *eventualidades de mudança de estado*, como *branquear, clarear, enfear, esverdear, verdear, maluquear, malandrear, tontear* etc.

As derivações apresentam duas configurações morfossintáticas: (i) [raiz + morfema adjetivador *-e/-o* + morfema *-e-* + morfema verbal *-ar*], que vemos em *alhear, baratear, branquear, chatear, clarear, falsear, galantear, rarear, maluquear, mimosear, marotear, galhardear, malandrear, tontear* e *verdear*; (ii) [morfema prefixal *a/en/es-* + raiz + morfema adjetivador *-e/-o* + morfema *-e-* + morfema verbal *-ar*], que vemos nos verbos parassintéticos *afear, aformosear, enfear* e *esverdear*.

O morfema verbalizador *-e(ar)* adjunge-se a adjetivos primitivos, como *branco, chato, claro, raro* etc., e a alguns adjetivos denominais, como *formoso* e *mimoso*.

Algumas formações arroladas em 3.1.2, como *branquear, chatear, clarear* e *esverdear/verdear*, admitem uma interpretação causativo-incoativa e apresentam, portanto, uma versão intransitiva e uma transitiva, dependendo de se o evento admitir um causador ou não, como se pode observar nos exemplos em (08):

- (08)
- a. O cabelo de Joana *branqueou*.
 - b. A geada desta madrugada *branqueou* o pasto.
 - c. O dia *clareava* lentamente.

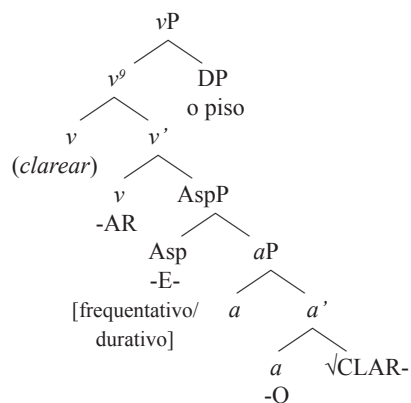
⁸ Representa o *v* de evento.

- d. A água sanitária *clareou* o piso da cozinha.
- e. João *chateou-se* na festa.
- f. Aquele lugar monótono *chateava* Maria.
- g. Musgos *esverdeiam* em grandes manchas de umidade.
- h. Os grandes carvalhos *esverdeiam* tudo.

Como se pode perceber, em (08b), a geada *causou o branqueamento* do pasto; em (08d), a água sanitária *causou o clareamento* do piso; em (08f), aquele lugar monótono *causou chateação* em Maria, e assim por diante.

A representação em (09), a seguir, ilustra a versão transitiva/causativa dessas derivações: *clarear* (“A água sanitária *clareou* o piso da cozinha”), *branquear* (“A geada desta madrugada *branqueou* o pasto”), *chatear* (“Aquele lugar monótono *chateava* Maria”) e *esverdear* (“Os grandes carvalhos *esverdeiam* tudo):

(09) *clarear*

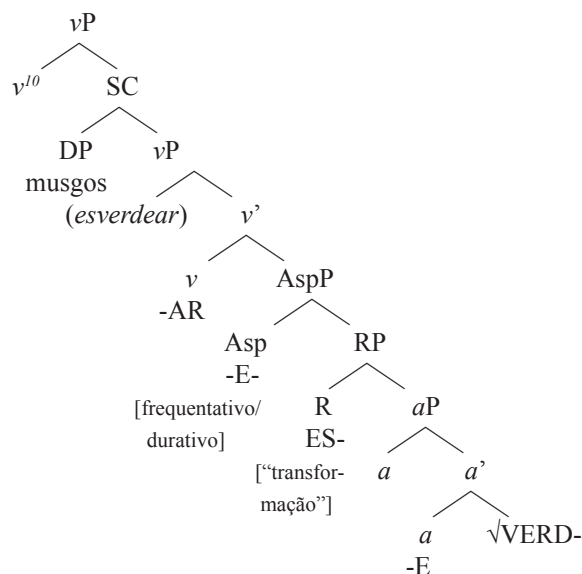


A árvore em (09) mostra que a estrutura configuracional da derivação *clarear* é constituída de duas fases: a forma *claro*, no domínio de *a*, determina a fronteira da primeira fase e a forma *clarear*, no domínio de *v*, a fronteira da segunda fase. Essa representação mostra ainda que a interpretação causativa de *clarear* é atribuída pelo *v* eventivo. O DP *o piso* é interpretado como um evento causado por um evento mais encaixado (“clarear”), que causa a mudança de estado no DP, que, por sua vez, adquire a propriedade expressa pelo adjetivo interno ao verbo e passa a expressar “estado resultante”.

A representação estrutural e a decomposição sintática da estrutura de evento do verbo derivado intransitivo/incoativo *esverdear* (“Musgos *esverdeiam* em grandes manchas de umidade”) estão ilustradas em (10), abaixo, que representa também a versão intransitiva/incoativa das derivações em (08), que têm os sujeitos afetados pelo processo verbal: “O cabelo de Joana *branqueou*”, “O dia *clareava* lentamente” e “João *chateou-se* na festa”:

9 Representa o *v* de evento.

(10) *esverdear*



A árvore em (10) mostra que a estrutura configuracional da derivação *esverdear* é constituída de duas fases: a forma *verde*, no domínio de *a*, determina a fronteira da primeira fase e a forma *esverdear*, no domínio de *v*, a fronteira da segunda fase. Essa representação bieventiva mostra ainda que a interpretação causativa de *esverdear* é atribuída pelo *v* eventivo porque surge desse segundo subevento. O DP *musgos* é interpretado como um evento causado por um evento mais encaixado (“esverdear”), que causa a mudança de estado no DP, que, por sua vez, adquire a propriedade expressa pelo adjetivo interno ao verbo e passa a expressar “estado resultante”. A raiz verbal *esverde(ar)* serve como núcleo de um evento causado, mais encaixado, e modifica o evento denotado pelo DP *musgos*, que passam do estado de “não esverdeados” a “esverdeados”. A raiz, neste caso, é interpretada como parte de uma *small clause*.

Em suma, o sufixo *-e(ar)* é fundamentalmente um morfema frequentativo/durativo que imprime um conteúdo dinâmico às suas formações derivadas; por isso, as derivações com *-e(ar)* denotam situações dinâmicas que perduram no tempo e que implicam em causa externa ou agente. Esse morfema une-se principalmente a nomes e também a adjetivos e é inserido no domínio externo da derivação. As formações derivadas com *-e(ar)* só se realizam se os traços semânticos dos nomes ou adjetivos internos forem compatíveis com a idéia de “ação/situação com uma certa duração” ou “mudança de estado” - as derivações denotam então eventualidades de (modos de) atividade ou eventualidades de mudança de estado. Os verbos derivados incorporam em seu significado a propriedade do nome ou adjetivo interno à formação, isto é, adquirem a propriedade expressa pelo nome ou adjetivo que integra a derivação. Alguns verbos derivados aceitam a alternância causativo-incoativa. Nos verbos que expressam incoatividade, o evento é interpretado como causado por uma atividade introduzida por *v* e o outro evento é a mudança de estado denotada pelo DP. Já nos verbos que expressam causatividade, as raízes modificam o DP complemento, que passa a denotar um evento de mudança de estado.

10 Representa o *v* de evento.

Examinemos agora as formações derivadas com o sufixo verbalizador *-ej(ar)*.

Formações derivadas com *-ej(ar)*

As derivações com *-ej(ar)* estão divididas em dois grupos, de acordo com a estrutura de evento que expressam: (i) derivações com nomes; (ii) derivações com adjetivos predicativos ou atributivos.

Vejam os primeiramente os verbos derivados que têm nomes como raízes internas:

Formações derivadas que têm nomes internos às derivações

apedrejar, arejar, bocejar, boquejar, campejar, cobrejar, cortejar, encarvoejar, esquartejar, espacejar, farejar, festejar, forcejar, gargarejar, gotejar, gracejar, harpejar, lacrimejar, larvejar, literatejar, matejar, matracolejar, pacejar, padejar, partejar, parturejar, pastejar, pastorejar, penejar, pestanejar, purpurejar, rastejar, sacolejar, serpejar, vaquejar, velejar, vicejar, voejar, voltejar etc.

As formações derivadas exemplificadas acima denotam situações dinâmicas iterativas com a implicação de um agente ou [causação externa] (LEMLE, 2002). Estas noções são decorrência semântica do molde morfossintático [raiz + morfema verbalizador *-ej(ar)*], como em *apedrejar, cortejar, esquartejar, gracejar, pestanejar, rastejar, sacolejar* etc. O traço aspectual iterativo denota uma situação que continua ou que se repete uma série de vezes (COMRIE, 1976).

As derivações com *-ej(ar)* formam tanto verbos transitivos diretos, como *cortejar, esquartejar, apedrejar, festejar* etc., quanto verbos intransitivos, como *bocejar, serpejar, pestanejar, rastejar, lacrimejar, velejar, voejar* etc., que denotam situações dinâmicas controladas por agentes e, portanto, com o traço [causação externa].

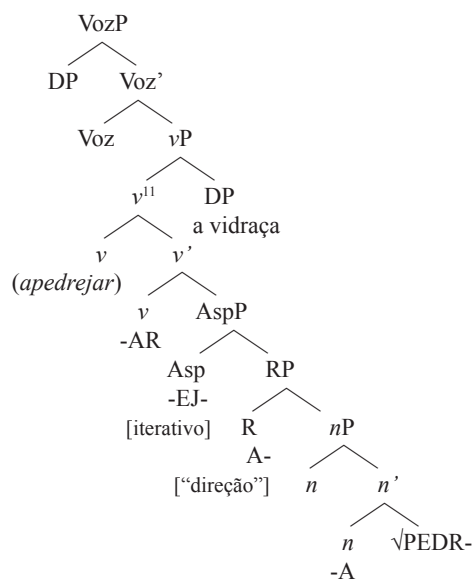
A semântica dos nomes que se concatenam com o morfema iterativo *-ej(ar)* deve ser compatível com a idéia de “ação ou situação que continua”, atribuída pelo afixo, resultando em formações derivadas que denotam eventualidades de (modos de) atividade, como *apedrejar, esquartejar, gargarejar, rastejar* etc., ou, ainda, resultando em derivações que denotam eventualidades de mudança de estado, como *arejar, bocejar, vicejar* etc.

As derivações apresentam dois diferentes moldes morfossintáticos: (i) [raiz + morfema nominalizador *-a/-e/-o*/morfema zero + morfema sufixal *-ej-* + morfema verbal *-ar*], como *bocejar, cortejar, campejar, arejar* etc.; (ii) [morfema prefixal *a-/en/-/es* + raiz + morfema nominalizador *-a/-o*/morfema zero + morfema sufixal *-ej-* + morfema verbal *-ar*], como *apedrejar, encarvoejar* e *esquartejar*.

Nas formações descritas em (ii), que representam a minoria e que constituem os verbos denominados *parassintéticos*, como já vimos, os morfemas prefixal e sufixal são concatenados à raiz e traduzem um só significado, consistindo em um afixo descontínuo: *a/en/es...ej(ar)*.

O diagrama em (11), abaixo, ilustra a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento dos verbos derivados transitivos, como *apedrejar* (a vidraça), *encarvoejar* (a roupa) e *esquartejar* (a cobra), que têm o molde morfossintático descrito em (ii) e têm argumento interno:

(11) *apedrejar*



A representação em (11) mostra que no interior da formação *apedrejar* há dois domínios cíclicos. No domínio interno (*n*), ocorre a primeira categorização: a raiz *pedr-* concatena-se com o morfema nominalizador *-a* produzindo a forma nominal *pedra* e, neste ponto, o significado é dado por convenção. Aqui se fecha o primeiro domínio cíclico. Na camada seguinte (domínio externo), aplica-se a recategorização (*v*): a forma *pedra* concatena-se com o morfema prefixal *a-*, introduzido pelo morfema relacionador R (LEMLE, 2008), com o morfema iterativo *-ej-* e com o morfema verbal *-ar*, formando o verbo derivado *apedrejar*, já que há compatibilidade entre os traços semântico-aspectuais da raiz e do afixo. O verbo derivado incorpora em seu significado a propriedade do nome interno à formação. Neste ponto, o significado é calculado composicionalmente. Aqui se fecha o segundo domínio cíclico.

Quanto à estrutura de evento denotada pela derivação, vemos que a representação acima ilustra que o verbo *apedrejar* se concatena diretamente com o *v* (1º subevento) causando outro evento de mudança de estado (2º subevento): o DP *a vidraça* é levado a uma mudança de estado e tem como significado um “estado resultante”. O objeto direto é interpretado como uma mudança de estado porque surge do 2º subevento e tem uma interpretação causativa. Há, então, duas eventualidades e a relação entre os eventos é a de causa. O núcleo de Voz, adjungido acima do *vP*, relaciona o evento ao argumento externo.

A seguir, detalha-se o segundo grupo de Raízes que se concatenam com *-ej(ar)*:

Formações derivadas com adjetivos que denotam predicados ou atributos

alvejar; amarelejar; branquejar; esbravejar; gaguejar; negrejar; parvoejar; verdejar etc.

As formações relacionadas acima têm internamente adjetivos predicativos (*alvo, branco, amarelo, negro, verde*) ou atributivos (*bravo, gago, parvo*) que, ao se concatenarem com o morfema *-ej(ar)*, produzem formações derivadas que denotam *eventualidades de mudança de estado*, como *alvejar, amarelejar, branquejar, esbravejar, gaguejar, verdejar etc.*

11 Representa o *v* eventivo.

As derivações apresentam duas configurações morfossintáticas: (i) [raiz + morfema adjetivador *-e/-o* + morfema *-ej-* + morfema verbal *-ar*], que vemos em *alvo*, *amarelo*, *branco*, *gago*, *negro*, *parvo* e *verde*; (ii) [morfema prefixal *es-* + raiz + morfema adjetivador *-o* + morfema *-ej-* + morfema verbal *-ar*], que vemos no verbo parassintético *esbravejar*.

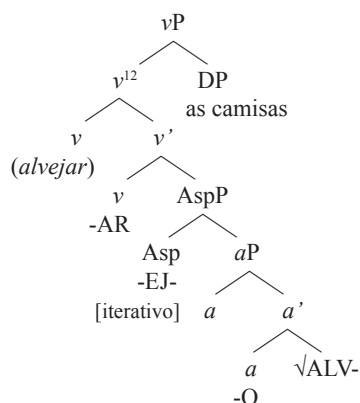
O morfema prefixal *es-*, que integra o verbo *esbravejar*, como já vimos, porta a idéia de “transformação” ou de “passagem para um novo estado”.

As formações arroladas no item “Formações derivadas com adjetivos que denotam predicados ou atributos” formam tanto verbos intransitivos, como *esbravejar*, *gaguejar* e *parvoejar*; quanto verbos que admitem uma interpretação causativo-incoativa, com uma versão intransitiva e uma transitiva, dependendo de se o evento admitir um causador ou não, como se pode observar nos exemplos em (12):

- (12)
- a. A doença *amarelejou-lhe* a pele.
 - b. Ao longe, os ipês *amarelejavam*.
 - c. A fumaça escura *negrejou* o dia.
 - d. Um vulto estranho *negrejava* no terreiro.
 - e. O cloro *alvejou* as camisas brancas.
 - f. A roupa branca *alvejou* no sol.
 - g. A areia fina da praia *branquejava* a paisagem.
 - h. As velas dos barcos *branquejavam* ao longe.
 - i. A chuva *verdejou* os campos.
 - j. A floresta *verdejava*, majestosa, ao longe.

A representação em (13), a seguir, ilustra a versão transitiva/causativa das derivações expostas em (12): *amarelejar* (“A doença *amarelejou-lhe* a pele”), *negrejar* (“A fumaça escura *negrejou* o dia”), *alvejar* (“O cloro *alvejou* as camisas brancas”), *branquejar* (“A areia fina da praia *branquejava* a paisagem”) e *verdejar* (“A chuva *verdejou* os campos”):

- (13) *alvejar*



A estrutura bieventiva em (13) mostra que o evento de “alvejar” causa uma mudança de estado no DP *as camisas* que passam do estado de “não alvegadas” para o de “alvegadas”. A interpretação causativa de *alvejar* é atribuída pelo *v* eventivo.

12 Representa o *v* de evento.

Em suma, o morfema *-ej(ar)* é essencialmente um sufixo iterativo e imprime um conteúdo dinâmico às suas derivações; assim, suas formações derivadas denotam situações dinâmicas com iteratividade que implicam em causa externa ou agente. As formações derivadas com *-ej(ar)* só se realizam se os traços semânticos dos nomes ou adjetivos internos forem compatíveis com a ideia de “modos de atividade” ou “mudança de estado”; por conseguinte, as derivações denotam eventualidades de modos de atividade ou eventualidades de mudança de estado. Os verbos derivados adquirem a propriedade expressa pelo nome ou adjetivo que integra a derivação. As formações podem ser incoativas ou causativas; alguns verbos derivados aceitam a alternância causativo-incoativa.

Há algumas raízes que se adjungem tanto ao morfema verbalizador *-e(ar)* como a *-ej(ar)*, como *pastor/pastorear/pastorejar*, *purpur-/purpurear/purpurejar*, *branc-/branquear/branquejar*, *harp-/harpear/harpejar*, *camp-/campear/campejar*, *rast-/rastear/rastejar*. Isto se deve ao fato de essas raízes serem semanticamente compatíveis tanto com o traço frequentativo/durativo acrescentado por *-e(ar)* como com o traço iterativo acrescentado por *-ej(ar)*.

As restrições semântico-aspectuais impostas pelas raízes aos morfemas derivacionais é que explicam, portanto, a não realização de formações como **esfaquejar*, **presentejar*, **lamejar*, **rarejar*, **nomejar*, **custejar* etc., pois há incompatibilidade semântica entre o significado lexical das raízes [fac-], [present-], [lam-], [rar-], [nom-], [cust-] e o traço aspectual iterativo inerente ao morfema derivacional *-ej(ar)*. Da mesma forma, raízes como [alv-], [pestan-], [far-], [gag-], [got-] etc., não se adjungem ao morfema derivacional *-e(ar)*: **alvear*, **pestanear*, **farear*, **gaguear*, **gotear* porque o significado lexical dessas raízes é semanticamente incompatível com o traço frequentativo/durativo acrescentado por *-e(ar)*.

Considerações finais

A observação das formações derivadas com os afixos *-e(ar)* e *-ej(ar)* revelou que a interação entre os traços semânticos das raízes e os traços semântico-aspectuais dos afixos é que permite a realização de uma derivação e que o significado de uma forma derivada é composicional, pois é construído fase a fase, através da amálgama das propriedades semânticas das raízes com os traços aspectuais dos morfemas derivacionais; por conseguinte, a morfologia derivacional obedece às imposições de ordem semântico-aspectual apresentadas pelas raízes e pelos morfemas derivacionais.

Nas formações derivadas existe uma correspondência entre a estrutura da formação e a significação das palavras resultantes; logo, a interpretação de uma palavra derivada é determinada pelos traços de suas partes constituintes.

REFERÊNCIAS

COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio eletrônico*. Curitiba: Positivo, 2004.

HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: The MIT Press, 2002.

HALE, Kenneth; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (Eds.). *The view from building 20: essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993. cap. 3, p. 111-176.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEMLE, Miriam. *Arbitrariedade saussureana: saltos e sobressaltos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Manuscrito.

_____. Sufixos em verbos: onde estão e o que fazem. *Revista Letras*, Curitiba, UFPR, n. 58, p. 279-324, jul./dez. 2002.

MARANTZ, Alec. *Phases and words*. New York: New York University, 2007a. Manuscrito.

_____. *Restitutive re- and the first phase syntax/semantics of the VP*. Cambridge: MIT, 2007b. Handout.

_____. *Argument structure and morphology: noun phrases that name events*. Cambridge: MIT, 2006. Manuscrito.

_____. *Objects out of the lexicon: objects as events*. Cambridge: MIT, 2005. Handout.

OLIVEIRA, Solange Mendes. *Aspectos da derivação prefixal e sufixal no português do Brasil*. 2009a. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis.

_____. *A representação sintática da estrutura de evento de formações derivadas*. Ribeirão Preto: UNESP, 2009b. [Comunicação oral apresentada no 57º Seminário do GEL.]

_____. Os sufixos nominalizadores -ção e -mento. *Estudos Linguísticos*, Araraquara, n. 36, v. 1, p. 87-96, 2007a.

_____. O sufixo nominal agentivo -dor/-tor/-sor: uma análise à luz da Morfologia Distribuída. *Eletras*, Curitiba, v. 15, p. 1-12, 2007b.

_____. O sufixo nominal agentivo -nte. *Revista de Letras*, Curitiba, v. 9, p. 1-13, 2007c.

SPENCER, Andrew. *Morphological theory: an introduction to word structure in generative Grammar*. Oxford: Blackwell, 1991.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português*. Uberlândia: UFU, 1994.